

# 24 mil esperam por cirurgia de catarata em SP

Na fila, idosos perdem emprego e independência; levantamento foi feito no estado pelo Conselho Federal de Medicina

Thaiza Pauluze

SÃO PAULO O ambulante Sadi Claudino, 64, costumava bater ponto de domingo a domingo, das 9h às 21h, em frente a uma estação de trem em Osasco, na Grande São Paulo. A venda dos doces e refrigerantes era a renda da família.

Até que foi ficando difícil contar o troco. A visão, opaca, já não era a mesma. O diagnóstico da catarata veio em 2015 no SUS (Sistema Único de Saúde), com a indicação para a cirurgia, que, passados três anos, ainda não foi realizada.

Como ele, em São Paulo outras 24 mil pessoas esperavam por uma cirurgia de catarata na rede pública no ano passado, segundo levantamento do CFM (Conselho Federal de Medicina) — a correção da opacidade do cristalino é a cirurgia eletiva com maior demanda no estado.

Sadi perdeu toda a visão do olho direito e 30% da do esquerdo. No início deste ano, foi chamado para realizar os exames pré-operatórios. "Vocês ficam pensando 'agora vai' e nada, nunca chega o dia."

A espera foi o gatilho para outros problemas de saúde. Em maio, ele não viu um desnível na rua, caiu no chão e quebrou o braço. Os meses de gesso deram lugar ao pânico de sair de casa. Parou de trabalhar e entrou em depressão.

Agora, as visitas ao parque Villa-Lobos e as partidas de dominó deram vez às consultas com um psiquiatra. "Quando vão fazer a cirurgia, quando eu ficar totalmente cego?"

Procuradas, as secretarias estadual e municipal de Saúde se negaram a dizer quan-



Sadi Claudino, 64, perdeu a visão do olho direito Marlene Bergamo/Folhapress

tas pessoas estão hoje na fila pelo procedimento nem quanto tempo, em média, elas esperam pelo diagnóstico e pela realização da cirurgia.

Na cidade, segundo a pasta, 2.000 pessoas aguardam avaliação para saber se precisarão de cirurgia. A catarata é responsável por 51% dos casos de cegueira no mundo. No Brasil, a maior parte das vítimas são idosos de baixa renda.

Segundo o CBO (Conselho Brasileiro de Oftalmologia), a correção cirúrgica é a única opção para recuperação da capacidade visual do portador de catarata senil — que corresponde a cerca de 85% das cataratas, com maior incidência após os 50 anos. Nesses

casos, ela não é considerada uma doença, mas um processo normal de envelhecimento.

Com o aumento da expectativa de vida, a procura tende a se agravar, diz Renato Pinheiro, chefe de oftalmologia na Santa Casa de São Paulo e membro do CBO. "É um problema social", afirma.

E, quanto maior a demora, mais chance de complicações. "Com o passar do tempo, o cristalino endurece e cresce o risco de dano tecidual. O melhor é operar precocemente", afirma o médico.

A curto prazo, o desafio é colocar os pacientes numa ordem por prioridade médica, diz Pinheiro. Para ele, alguns deveriam ter prioridade, co-

ria Dias Cardoso Santana, 77, na Cidade Patriarca, também na zona leste. Ela entrou para a fila de espera no início de 2016. "A cada dois meses eu ligava e diziam que estava na lista, tinha que esperar", conta a filha, Vanda Cardoso.

Na semana passada, diz a família, Maria foi informada que a lista não existe e que todo o caminho teria que ser refeito: ir a um clínico geral num posto de saúde pegar o pedido para a consulta com um médico especialista. Ele solicita os exames, constata a catarata e, aí sim, dá início à espera pela cirurgia.

"Ela já caiu no quarto e abriu o supercílio, tem diabetes e depressão. Deveria ser atendida logo, mas marcaram só para janeiro a consulta com o oftalmologista", diz Vanda. Procurada, a Secretaria Municipal da Saúde afirma que não encontrou registros de consultas da paciente no Hospital do Servidor, onde ela diz já ter passado por especialista.

O Ministério da Saúde afirma que repassou R\$ 250 milhões aos estados em 2017 para diminuir a fila de espera por procedimentos cirúrgicos eletivos, incluindo as cirurgias de catarata.

Segundo a pasta, a regulação

da lista de espera, assim como a realocação dos recursos, é de responsabilidade das gestões estaduais e municipais.

Em 2014, foram realizadas 557 mil cirurgias, e o repasse do governo federal para o procedimento foi de R\$ 350 milhões. No ano passado, o número de cirurgias havia caído para 483 mil, embora o valor tenha sido aproximado: R\$ 325 milhões.

A Secretaria Estadual da Saúde de São Paulo diz que investiu R\$ 2 milhões extras este ano para agilizar a fila de espera e, no primeiro trimestre, um mutirão realizou cerca de 6.000 cirurgias de catarata.

A família da costureira Gioconda Pisani, 83, decidiu não esperar até que a idosa ficasse totalmente cega. A previsão do SUS? Dois anos de espera.

A alternativa encontrada foi a **Central da Catarata** — negócio social que dá acesso a pessoas de baixa renda à cirurgia em clínicas particulares, mas com custo menor.

Num consultório convencional no Tatuapé, zona leste, onde Gioconda mora, pagariam cerca de R\$ 30 mil pela operação nos dois olhos. Na Central, conseguiram por R\$ 7.600 — pagos com as economias da filha e do genro.

mo os que têm cegueira bilateral ou doenças secundárias, como o glaucoma.

Nessa lista estaria a aposentada Gecy Nascimento, 73, de Arthur Alvim (zona leste), que perdeu a visão dos dois olhos. Ela foi diagnosticada em 2010. Em oito anos, passou por cinco consultas com oftalmologistas no SUS, todas com encaminhamento cirúrgico.

"Quando eu ligo, ninguém dá uma previsão. Só mandam aguardar", conta a filha Luciana Nascimento. Hoje, a ex-empregada doméstica já não consegue realizar nenhuma atividade cotidiana, nem mesmo ir ao banheiro ou se trocar.

A história se repete com Ma-